

**ÁREA TEMÁTICA:**

- ( ) COMUNICAÇÃO
- ( X ) CULTURA
- ( ) DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- ( ) EDUCAÇÃO
- ( ) MEIO AMBIENTE
- ( ) SAÚDE
- ( ) TECNOLOGIA E PRODUÇÃO
- ( ) TRABALHO

**A IMAGEM CINEMATOGRAFICA COMO CRIAÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO DO PENSAMENTO**

Carlos Ricardo Grokorriski (Mestre, [filosofia@iessa.edu.br](mailto:filosofia@iessa.edu.br))<sup>1</sup>  
Ramon Guillermo Mendes (Acadêmico, [ramon\\_pesquisa@hotmail.com](mailto:ramon_pesquisa@hotmail.com))<sup>2</sup>  
Alfredo Doll (Acadêmico, [alfredo\\_doll@hotmail.com](mailto:alfredo_doll@hotmail.com))<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente trabalho pretende expor de maneira discursiva as aproximações entre a Filosofia e o Cinema resultantes do projeto de extensão intitulado “Fissura”. O projeto vem realizando exhibições cinematográficas na cidade de Ponta Grossa desde 2015 e busca proporcionar para a comunidade uma experiência sensível com produções artísticas que circulam fora do contexto comercial. Assim o projeto divide sua metodologia em dois momentos: exhibições de obras cinematográficas e discussão posterior e um grupo de estudos específico para debate acerca da História do Cinema e de como a Filosofia pensa a sétima arte. Desse modo, intentamos estudar como o Cinema pode agenciar um novo modo de pensamento dentro da Filosofia aproximando a epistemologia e a estética em uma projeção ética da partilha comunitária que ambas as áreas permitem. Nesse breve texto apontamos alguns resultados e direcionamentos que tem sido extraídos de ambas as atividades relativas ao projeto.

**Palavras-chave:** Cinema; Filosofia; Imagem; Cultura.

**NOME DO PROGRAMA OU PROJETO**

Projeto Fissura – A imagem cinematográfica como fissura no tempo

**PÚBLICO-ALVO**

O projeto abrange a comunidade em geral da cidade de Ponta Grossa.

**LOCAL DE EXECUÇÃO**

---

<sup>1</sup> Coordenador; Faculdade Sant’Ana; Filosofia: [filosofia@iessa.edu.br](mailto:filosofia@iessa.edu.br)

<sup>2</sup> Equipe de execução; Faculdade Sant’Ana; Filosofia: [ramon\\_pesquisa@hotmail.com](mailto:ramon_pesquisa@hotmail.com)

<sup>3</sup> Equipe de execução; Faculdade Sant’Ana; Filosofia: [alfredo\\_doll@hotmail.com](mailto:alfredo_doll@hotmail.com)

As sessões cinematográficas são realizadas nas dependências destinadas a divulgação cultural pertencentes à Prefeitura Municipal de Ponta Grossa. Desde 2015 as sessões tem sido realizadas em dois locais:

- Cine teatro Ópera, localizado na: Rua XV de Novembro, 468 - Centro, Ponta Grossa - PR, 84010-020;
- Centro de Cultura, localizado na: Rua Dr. Colares, 436 - Centro, Ponta Grossa - PR, 84010-010.

## **MUNICÍPIOS ATINGIDOS**

Cidade de Ponta Grossa, Paraná.

## **JUSTIFICATIVA**

Ao propor uma “taxonomia da imagem cinematográfica”, o filósofo francês, Gilles Deleuze, realiza uma investigação acerca das possibilidades de pensamento que o Cinema coloca em sua funcionalidade própria.

No segundo volume de seu estudo, “A imagem-tempo” (2007), o autor aponta para uma ruptura completa do Cinema com outras formas de composição artística. Essa separação ocorre justamente pela condição da imagem cinematográfica que passa a possuir uma ontologia própria.

Essa ontologia da imagem cinematográfica acontece pelo fato de que o Cinema passa a produzir uma temporalidade outra que não a temporalidade de outras artes imagéticas.

Anteriormente a essa produção autônoma do tempo, o Cinema estava subordinado tecnicamente a outras formas de composição, como por exemplo a fotografia. Através da fotografia o Cinema buscava “capturar” o real e colocá-lo em “movimento”, a tentativa era mimética, de reprodução do “real”, porém ao invés de reproduzi-lo estaticamente como a fotografia o Cinema buscava reproduzir a realidade em sua temporalidade essencial.

É através da montagem enquanto técnica de “passagem” de tempo que o Cinema vai criar sua primeira característica que é o movimento da câmera, que é o responsável por liberar o movimento dos objetos, das coisas e dos corpos, fazer durar a mudança constante dos corpos, nesse caso o Cinema consistia em potencializar a possibilidade de mudança contínua da matéria que a imagem captura, diferentemente da fotografia que faz durar um momento repetindo-o eternamente o Cinema faz durar a mudança de um momento para outro(s).

Deleuze (2007) aponta para o fato de cineastas como Sergei Eisenstein tentarem reproduzir através da técnica cinematográfica o funcionamento interno do cérebro, colocando o filme como uma estratificação do movimento, mas o Cinema acaba por ir além e produzir sua própria possibilidade de movimento, capturando não o real mas o movimento que permite que se perceba o real.

Deleuze divide a imagem tempo em três partes: imagem percepção (aquela que permite que o movimento se desprenda do mecanismo lógico e passe a ser autônomo), imagem-ação (quando não somos mais responsáveis por organizar ou excluir e somar os objetos, mas sim de perceber que as imagens exercem efeito sobre mim e eu exerço força sobre elas assim consigo “agir” ou antecipar ações que são possíveis na matéria), imagem-afecção ( seria o espaço indeterminado entre a percepção e a ação, é a imagem resultante do encontro do movimento feito com o movimento possível, é a parte onde podemos pensar a subjetividade, só que não como resultado de uma operação de conhecimento mas de sensibilidade onde o próprio sujeito é imagem e parte operante do movimento).

Mas Deleuze em seu estudo posterior, demonstrará que ocorre uma mudança na concepção da imagem que o Cinema se propõe a produzir. Essa mudança é a passagem da imagem-movimento para a imagem-tempo.

Se na imagem-movimento temos a possibilidade de se produzir o movimento mesmo das coisas e torna-lo sensível ocorre uma problema com uma das dimensões desse processo, a imagem-ação entra em colapso, pois existe um intervalo de tempo que ocorre entre a percepção e a ação (mesmo que seja a possibilidade de uma ação) e aí é que reside um problema, pois a imagem-movimento se constituiria na sua própria matéria, revelando um movimento que não é total, mas apresenta várias sequências totais da passagem de um movimento a outro.

Nesse ponto, Deleuze (2007) traz a necessidade de se pensar o Cinema não mais como a possibilidade da percepção do movimento das imagens concretas e sim como a possibilidade da criação de uma imagem que possibilite compor uma temporalidade própria, e é aí que surge a imagem-tempo, que se refere diretamente ao tempo e não indiretamente a ele através do movimento.

Nesse contexto as questões abordadas por Deleuze não se referem exclusivamente ao Cinema, mas também à epistemologia, à estética e à ética, visto que a reflexão realizada pela cinematografia são embasadas em questões relativas aos modos de existência e percepção que vigoram desde o início da modernidade e passam a ser questionados.

A crise da imagem-ação é a crise da relação entre estar no mundo e agir no mundo, e mais ainda a possibilidade de se aceitar o mundo ou crer no mundo, a criação de uma temporalidade própria pela imagem-tempo é a condição que permite ao pensamento (que não é um dado da consciência mas uma relação das forças e das imagens que permitem ele acontecer) estabelecer a abertura para um outro pensamento, a imagem-tempo é sempre o nascimento de um outro pensamento e não a perpetuação de um movimento que pode gerar uma ação, no caso o Cinema é a impotência do pensar que leva a tentativa de se criar um pensamento e não uma ação, aí o processo cinematográfico deixa de ser sensório-motor e passa a ser psíquico.

Existe uma preocupação, o Cinema, mesmo depois da passagem da imagem-movimento para imagem-tempo, passa a ser uma das formas artísticas mais importantes da cultura de massa, e ainda mais preocupante é que sua técnica da imagem-movimento é produzida na escala industrial e temos a propagação não das potencialidades do Cinema enquanto criação de um pensamento sempre novo, mas a difusão e distribuição de uma forma única de pensamento o que é problemático, pois isso só remete a produção de um modelo de composição (imagem-movimento) que não possibilita o pensamento e só faz acontecer um “monólogo interior” que conduz as imagens para um sonho delirante que repete-se infinitamente aprisionando aquele que se põe diante de uma tela.

Diante dessa problemática, o projeto “Fissura” busca através dos estudos acerca das proposições de Gilles Deleuze sobre o Cinema, proporcionar a exibição gratuita de filmes que se encaixem dentro do escopo da imagem-tempo e, se necessário, da imagem-movimento para demonstrar as suas especificidades, mas sempre agenciando uma experimentação cinematográfica de produção de um pensamento novo e uma sensibilidade diferente do que a indústria fornece.

## **OBJETIVOS**

O projeto é embasado de uma pesquisa científica que tira da extensão seu material para análise, pois as configurações sensíveis agenciadas pelo pensamento teórico encontram de forma potente as expressões e imagens criadas nas sessões realizadas coletivamente.

Diante da constante evolução tecnológica e o crescimento da cultura audiovisual desde o início do período moderno, e nos meios de expressão artística, a proposta aqui presente busca no cinema, como arte marcante da modernidade e da contemporaneidade, os alicerces para a reflexão filosófica que promova a ruptura com o senso comum acerca dos

efeitos da imagem cinematográfica e do resultado dos encontros resultantes entre subjetividade e imagem.

O principal objetivo do projeto é o de demonstrar que a sétima arte pode ser pensada, que a imagem pode ser analisada como efeito de subjetivação no espectador.

A arte além de ser um aspecto que funda e cria a cultura constantemente, vem sendo explorada pela Filosofia como objeto de estudo no que concerne a seu papel de formar conhecimento. Seria a arte um meio de conhecimento ou apenas percepção? Essa pergunta norteia os principais estudos da Arte na Filosofia. Especificamente a sétima arte, o cinema, utilizando de sua abrangência de recursos, parece elevar o espectador para outro tempo que não é o cronológico. A imagem ganha movimento, perspectiva, sons, enredos: sempre fluxos e cortes que rearranjam o todo do filme. Abre-se uma fissura no tempo e é isso que move a pesquisa e a extensão do presente projeto. Afinal, esse "tempo especial" deve ser analisado a partir de seus efeitos no espectador.

Outro objetivo consequente da estrutura do projeto é a disseminação do cinema. As sessões são abertas ao público e sem nenhum custo. Com todo o procedimento de divulgação, busca-se, também, incentivar a contemplação artística, potencializando ainda mais o cenário na cidade de Ponta Grossa.

## **METODOLOGIA**

O projeto realiza sessões de cinema abertas ao público em geral, visando a exibição de filmes que possibilitem a experimentação e discussões sobre a percepção de obras cinematográficas, abrindo espaço para reflexões sobre os mais diversos temas e questões que possam vir a ser explorados a partir das obras projetadas na tela.

Cada sessão terá três horas de duração e consiste nos seguintes procedimentos: apresentação e introdução às técnicas do filme em questão, projeção da sessão e debate expositivo sobre as impressões subjetivas no filme. Tais processos serão realizados pelos organizadores do Projeto Fissura e servirão de material para a análise do grupo de estudos. As datas e horários serão fixados mediante acordo entre a Fundação de Cultura de Ponta Grossa e os organizadores do Projeto Fissura.

As exibições cinematográficas ocorrerão de acordo cronograma definido pelos alunos organizadores juntos com a Prefeitura de Ponta Grossa e a organização do Cine Teatro Ópera. Tal cronograma contará com quinze sessões. Cada sessão terá três horas de duração e será composta da seguinte maneira: apresentação do tema e introdução técnica ao filme -

conversa expositora das interpretações dos espectadores. A participação do público será gratuita e livre para todos os interessados.

Além disso, os alunos que coordenam as sessões participam de um grupo de estudos específico, no qual são debatidas a História do Cinema e obras de Filosofia que pensam a sétima arte como eixo de convergência com conceitos e temas que antes eram monopólio ou ficavam restritos ao debate filosófico e que passaram a integrar de modo substancial a composição cinematográfica na contemporaneidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto “Fissura” vem desde 2015 propondo uma concepção não mercadológica da imagem cinematográfica e através de exhibições gratuitas juntamente com a Fundação de Cultura da cidade de Ponta Grossa coloca em circulação obras das mais variadas linguagens e concepções tornando acessível ao público em geral a experimentação de um outro modo de pensar o Cinema e para além disso relacioná-lo com a Filosofia.

Obviamente a organização não tem a pretensão de colocar o projeto como responsável pela mudança de perspectiva sobre a Arte ou sobre a Filosofia, mas sim possibilitar um espaço diferente de atenção e diálogo acerca das interações entre dois campos distintos de saber e como esses campos podem mobilizar coletivamente e culturalmente *micro-agenciamentos* que façam pulsar forças de resistência à cultura de massa que hegemonicamente, e cada vez mais, vem contribuindo para a falência e o desaparecimento da alteridade, seja para com o outro, seja para consigo mesmo.

Desejamos, com intensidade, estar contribuindo para construir um espaço acolhimento e partilha para todos aqueles que se sintam tocados pela potência do Cinema.

**APOIO:** Prefeitura Municipal de Ponta Grossa e Fundação de Cultura da cidade de Ponta Grossa.

## REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. *A Imagem-movimento*. São Paulo: Assírio e Alvim, 2004.

\_\_\_\_\_. *A Imagem-tempo*. São Paulo: Brasiliense, 2007.